

PERCEPÇÕES DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO SOBRE EXPERIÊNCIAS EM  
EMPRESAS JUNIORES (EJS) DE GEOGRAFIA NO BRASIL

UNDERGRADUATE STUDENTS' PERCEPTION OF EXPERIENCES IN  
GEOGRAPHY'S JUNIOR ENTERPRISES (EJS) IN BRAZIL

Luciana Franco Vieira

Universidade de Brasília, Brasil

Estudante do Departamento de Geografia, Campus Darcy Ribeiro

vieirafluciana@gmail.com

Valdir Adilson Steinke

Universidade de Brasília, Brasil

Professor do Departamento de Geografia, Campus Darcy Ribeiro

valdirs@unb.br

**RESUMO:** O presente artigo visa identificar quais são os principais impactos das experiências obtidas nas EJs de geografia durante a graduação para a formação do profissional geógrafo, assim como mapear a localização das EJs no Brasil. Tem como objetivos específicos conceituar a parte de extensão do tripé universitário, apresentar o histórico do movimento empresa júnior a nível mundial e nacional, e verificar se os principais impactos experienciados pelos alunos contribuem para o desenvolvimento de competências para o profissional geógrafo. Vendo as empresas juniores de geografia como laboratório dos alunos para criarem as próprias experiências e incentivar a autonomia, um ambiente propício para desenvolvimento de diversas habilidades e competências que serão de grande valia para sua entrada ao mercado de trabalho. O presente estudo consiste em pesquisa aplicada, de caráter exploratório e descritivo, com resultados tratados de maneira quantitativa e qualitativa, a partir da coleta de informações em fontes primárias e secundárias. E, a partir da condução do processo de pesquisa, foi possível concluir que a presença de empresa júnior é bastante valiosa para a formação profissional do geógrafo, pois propicia autonomia em projetos especialmente da área de bacharel, e propiciando a muitos, outras oportunidades de aprimoramento de carreira em decorrência da experiência prévia na empresa júnior. Quanto à descoberta de que empresas juniores existem, foram listadas dezoito, e suas localizações se dão em onze unidades da federação, só não sendo presente na região norte.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo social. Profissional geógrafo. Desenvolvimento de competências. Movimento empresa júnior. Tripé universitário.

**ABSTRACT:** This article aims to identify the main impacts of the experiences obtained in the junior enterprises of geography during undergraduate studies for the development of the professional geographer, as well as to map the location of the junior enterprises in Brazil. Its specific objectives are to conceptualize the practice role of university roles, to present the history of the Junior Enterprise Movement at a global and national level, and to verify if the main impacts experienced by students contribute to the development of skills that are useful for the professional geographer. From the perspective of the junior enterprises as laboratories for students to create their own experiences and encourage autonomy, a conducive environment to develop a great range of skills and competences that will have great value as they enter the job market. This study consists of applied research of exploratory and descriptive nature, with results treated in a quantitative and qualitative method, from the acquired information in primary and secondary sources. Through the conduction of the research process, it was possible to conclude that the presence of junior enterprises at universities is very much valuable for the professional training of the geographer, as it provides space to exercise autonomy in projects, especially in bachelor's degree and providing many opportunities of career improvement due to previous junior enterprises' experiences. As for the discovery of the number of existing junior enterprises of geography in Brazil, it was found to be eighteen, and their locations are in eleven states in Brazil, only not being present in the northern region.

**Key words:** Social entrepreneurship. Professional geographer. Skills development. Junior enterprise movement. Faculty roles.

## **Introdução**

Algumas medidas importantes podem ser tomadas na busca de métodos e procedimentos da formação universitária em Geografia, os quais podem auxiliar no protagonismo da relação entre a teoria e a prática da ciência.

Acima do aspecto formal – marcos legais e institucionais – se parte do pressuposto que o cerne da discussão reside na complexidade nativa ao conceito da Geografia: uma ciência que carrega, geneticamente, a capacidade de atenção às mudanças históricas inerentes aos lugares e à sociedade. É preciso destacar que a “genética” da ciência geográfica, neste caso, não reflete necessariamente na prática dos profissionais em Geografia. Assim, tem-se, então, algo a ser discutido com profundidade.

Tradicionalmente é de se esperar que os "conteúdos" ou "disciplinas" que estruturam a "grade curricular" da Graduação em Geografia, sejam articulados de tal modo que possam proporcionar ao profissional desta área elementos estruturadores sólidos, a fim de que as concepções teórico-metodológicas em Geografia, de fato, possam ser aplicadas em sua atividade profissional sem deturpações.

Christofolletti (1997) demonstrava tais preocupações com a organização da estrutura curricular para o ensino universitário em Geografia, ao atentar-se para os enfrentamentos dos desafios e das demandas impostas pela sociedade, exigindo, então, uma sintonia temporal, ofertada pelos cenários de contexto histórico sem abandonar a sua especificidade perante o conjunto das demais ciências.

Hoje tem-se uma realidade de cortes anuais cada vez maiores nos orçamentos das universidades públicas brasileiras, prejudicando investimentos em materiais, laboratórios, bibliografias, entre outros, e mais precisamente na área da geografia, cortes de saída de campo. Com essa lacuna gerada pela falta de possibilidade de experienciar tudo isso através dos recursos das universidades, segundo Oliveira (2019), no epicentro de grandes demandas, surgem alternativas de enfrentamento em algum setor da sociedade, trazendo como fonte de renda, o empreendedorismo social.

O Movimento Empresa Júnior (MEJ) é um estimulador e um multiplicador do empreendedorismo social no meio universitário. As EJs são associações civis sem fins lucrativos, fundadas e compostas por alunos de graduação, situadas dentro de instituições de ensino superior. O propósito é de que o conhecimento seja a moeda de troca na relação com os clientes. Dentro das universidades, as EJs se encaixam no setor da extensão, uma das unidades do tripé universitário, composto também pelo ensino e pesquisa (AGUIAR *et al*, 2021).

Fazendo parte de uma unidade essencial para a formação dos alunos, tem assim um papel muito especial na vivência universitária, proporcionando espaço e palco para que os alunos possam compartilhar seus conhecimentos com a sociedade através da realização de projetos. Em sua maioria, os projetos são de consultoria e serviços, podendo retornar à sociedade parte da grandeza do conhecimento que é recebido na universidade de forma a gerar impacto positivo.

Tendo então as empresas juniores de geografia como laboratório dos alunos para criarem as próprias experiências e incentivar a autonomia, é um ambiente propício para desenvolvimento de diversas habilidades e competências que serão de grande valia durante o período da graduação e para a vida.

Considerando os principais elementos do cenário até aqui apresentado, estabelece-se como questões de investigação do presente trabalho: Quais são os principais impactos das experiências obtidas nas EJs de geografia durante a graduação? Onde se localizam as EJs brasileiras? Tem-se então por objetivo geral identificar os principais impactos das experiências obtidas nas EJs de geografia durante a graduação para a formação do profissional geógrafo e mapear as EJs a nível nacional. Nesse contexto, para alcançar o objetivo geral de pesquisa, os objetivos específicos do presente trabalho são: conceituar a parte de extensão do tripé universitário, apresentar o histórico do movimento empresa júnior

a nível mundial e nacional, e verificar se os principais impactos experienciados pelos alunos contribuem para o desenvolvimento de competências para o profissional geógrafo.

### **Procedimentos Metodológicos**

Definir uma proposta de procedimentos metodológicos para um estudo exploratório como este, no qual, se pretende ter minimamente um diagnóstico do quadro atual das empresas juniores que estão vinculadas aos cursos de graduação em geografia no Brasil, exige uma grande flexibilidade, pois os meios clássicos da investigação científica podem ficar prejudicados por uma série de contratemplos, como a ausência de dados formais, a desarticulação institucional, entre outros elementos que podem dificultar a investigação.

Ainda assim, diante de tais fragilidades, é importante ressaltar que o esforço empreendido neste tema pode ser fundamental para fomentar uma discussão mais robusta com políticas de incentivo ao engajamento dos cursos de geografia com a formação de empresa júnior.

O presente estudo consiste em pesquisa aplicada, de caráter exploratório, que, segundo Gil (2002, p.41):

[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Pode envolver levantamento bibliográfico ou entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

A pesquisa também utilizará do método descritivo, que visa não só relacionar as variáveis de análise central, bem como apresentar subsídios de informação que possam servir de diretrizes para ações de transformação da realidade.

[...] Pesquisa descritiva é aquela que analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los. Os fenômenos humanos ou naturais são investigados sem a interferência do pesquisador que apenas “procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características”. (CERVO; BERVIAN, 1983, p.55)

A pesquisa visa identificar os impactos das experiências obtidas nas EJs de geografia durante a graduação para a formação do profissional geógrafo, assim como mapear a localização das EJs no Brasil. Nesse sentido, os resultados serão apresentados de forma qualitativa e quantitativa, a partir da coleta de informações de fontes primárias, como o questionário aplicado aos membros das empresas juniores de geografia, e a partir de revisão bibliográfica e documental que permite um maior aprofundamento sobre o tema da pesquisa.

A planificação da pesquisa inclui, em primeiro lugar, o levantamento dos dados secundários, para posterior contato com as fontes primárias, a fim de promover a coleta de dados através de questionário. Foi aplicado questionário online como instrumento de pesquisa, com amostragem definida por conveniência, respondido apenas por alunos que fazem ou já fizeram parte de empresas juniores de geografia, contendo doze perguntas, nove perguntas fechadas e duas abertas.

Esse foi aplicado de maneira planejada, enviando-se o formulário em 10 de março de 2022, com disponibilidade para preenchimento durante 5 semanas, até 14 de abril de 2022, para pesquisa da existência de cada empresa júnior a partir de meios de comunicação e redes sociais. Foram confirmadas, através de membros, que as EJs consultadas estavam em pleno exercício das suas atividades, e então foi distribuído através de formulário eletrônico as perguntas a serem respondidas pelos membros sobre a experiência de cada um e os impactos delas na sua graduação, sendo também tomada a localização de cada empresa para confecção de mapa de localização.

### **Educação empreendedora**

O Brasil é um dos países mais empreendedores do mundo, mas a taxa de mortalidade, ou fechamento, dos empreendimentos nos seus primeiros meses ou até primeiros anos ainda é bastante alta. Segundo o IBGE (2015), 48% das empresas fecham até o terceiro ano de atividade, e o principal motivo alegado é a falta de gestão eficiente, seguidos por altas taxas de impostos e baixa demanda.

Deve-se a isso a deficiência no fomento à educação empreendedora, quase nula no período da educação básica e deficitária no ensino superior. Segundo Moraes (2019), é preciso estimular, em idade escolar, o protagonismo dos jovens através de atividades e ações empreendedoras que envolvam o espírito da coletividade, práticas que suscitem a identificação de oportunidades de inovação e criação de projetos sustentáveis.

Com essa lacuna no ensino, muitos são os que abrem seus negócios sem o mínimo de conhecimento sobre mercado ou conceitos básicos para dirigir suas empresas em direção à prosperidade e crescimento. Para a parcela da sociedade que passa pelo ensino superior torna-se, então, desafio das Instituições de Ensino Superior (IES) promoverem oferta adequada de novas abordagens curriculares que visem proporcionar um ambiente de experimentação para que o futuro empreendedor desenvolva suas competências (CAMPOS, 2015).

Para a promoção de disciplinas acadêmicas e ações voltadas ao empreendedorismo por partes das universidades seria necessária uma nova parcela de investimentos financeiros na educação, porém, vive-se nos últimos anos a realidade de cortes anuais cada vez maiores nos orçamentos das universidades federais (BRAGA; DOS SANTOS, 2021), retirando as fontes investimentos em materiais, laboratórios, bibliografias, entre outros. Os cursos mais afetados por esses cortes são os que precisam de experiências em laboratórios e de saídas a campo, como é o caso da geografia. Diante desse cenário de crise, perante os cortes e de certa impotência sobre a discussão da direção de recursos, frutifica o empreendedorismo social através do empreendedorismo júnior e vem-se então ao caso a criação das Empresas Juniores na etapa da graduação.

### **Movimento Empresa Júnior**

O Movimento Empresa Júnior (MEJ) tem suas origens em um movimento iniciado na França em 1967, na *École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales (ESSEC)*. Pierre-Marie Thauvin criou a primeira empresa júnior de consultoria, chamada *Junior ESSEC* (PALASSI *et al*, 2020).

Após o sucesso e desenvolvimento das empresas juniores na França, disseminou-se pela Europa, e chegou ao Brasil no fim da década de 1980, através do diretor da Câmara de Comércio Franco-Brasileira, João Carlos Chaves. Foi criada em 1989 a primeira empresa júnior brasileira, a Júnior GV, pertencente à Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo (BATISTA, 2010). O movimento cresceu rapidamente no Brasil, e hoje é o país com mais empresas juniores no mundo.

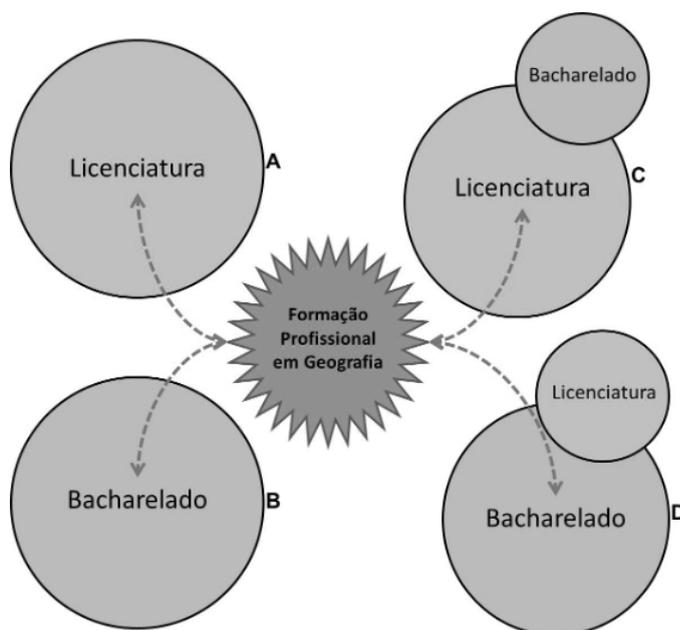
O MEJ um estimulador e um multiplicador do empreendedorismo social. As EJs são empresas sem fins lucrativos, isto é, a remuneração obtida pelos projetos é revertida para a educação dos próprios membros, para a compra de materiais, computadores, mobília para as sedes das empresas, ingresso para congressos e cursos, entre outros. Em geral, são situadas dentro de campus universitários, compostas por alunos e orientadas por um professor titular do departamento a que pertencem, mas são dirigidas e administradas por graduandos.

Segundo a Brasil Júnior - Confederação Brasileira de Empresas Juniores (BJ), o Conceito de Empresa Júnior pode ser descrito pelo seguinte trecho:

As empresas juniores são constituídas pela união de alunos matriculados em cursos de graduação em instituições de ensino superior, organizados em uma associação civil com o intuito de realizar projetos e serviços que contribuam para o desenvolvimento do país e de formar profissionais capacitados e comprometidos com esse objetivo

## Formação do geógrafo

Os ditames referentes à formação de licenciados e bacharéis em Geografia ainda mostram-se confusos em todo o território nacional, conduzindo a um processo formativo de modo desequilibrado, em alguns casos, exige-se a conclusão da Licenciatura somente após a conclusão do Bacharelado. Em outros casos, a situação é inversa, ainda persistem casos das chamadas duplas habilitações que ocorrem simultaneamente e àquelas completamente desconectadas. A *Figura 1*, a seguir, busca evidenciar tais modalidades e seus encadeamentos mais gerais.



**Figura 1.** Opções atuais de formação profissional em Geografia no Brasil, onde: a) Licenciatura em Geografia; b) Bacharelado em Geografia; c) Licenciatura e conjunto adicional de disciplinas para obter dupla habilitação em Bacharelado; d) Bacharelado e conjunto adicional de disciplinas para obter dupla habilitação em Licenciatura. Fonte: (STEINKE E CARVALHO, 2013)

Essa aparente ‘flexibilidade’ poderia ser analisada como um aspecto positivo, possibilitando diferentes demandas. No entanto, é preciso salientar que tal maleabilidade responde de modo desigual, mediante um espectro muito amplo de opções, mas que, em suma, correspondem a uma mesma habilitação profissional, tanto para a Licenciatura quanto para o Bacharelado. Tal mesclagem, de apenas dois direcionamentos formativos – apesar do caráter dinâmico – sequer contempla o parecer CNE/CES nº. 492/2001, que propõe quatro níveis de formação, a saber: bacharéis, aplicada-profissional, de docentes e de pesquisadores.

Na prática diária, no linguajar do cotidiano, são considerados profissionais apenas aqueles que detêm o título de Bacharel. Pode haver, inclusive, justificativas epistêmicas para tal definição e adoção. Mas, tal postura no seio da comunidade geográfica tem servido de modo sistemático para distanciar e fragmentar a própria discussão da ciência em análise e seu papel para a sociedade.

Christofoletti (1997) sugere uma separação estrutural e funcional para a formação em nível de Graduação em Geografia, a qual não implica em prejuízos formativos e tão pouco impede a circulação dos interessados em desenvolver os estudos concernentes às diferentes estruturas formativas oferecidas.

### **Aspectos legais: breves apontamentos**

A questão do amparo legal mostra-se relevante, uma vez que a atividade profissional em Geografia é pautada pela legislação em vigor, seja para o Licenciado ou Bacharel. Desta forma, se a legislação atual que rege as atividades profissionais em Geografia, de fato, é reflexo das demandas da classe, e sua representatividade é uma discussão que vale mais do que um texto acadêmico como este, tem-se aí um amplo debate no seio da categoria. O debate da participação representativa da Geografia e a política de formulação da legislação, não serão temas expostos claramente nas linhas a seguir, mas apenas citados alguns aspectos estruturais da legislação para fins de contextualização curricular (STEINKE, 2016).

Diante do exposto, faz-se importante destacar, no âmbito legal, a Resolução S/N, de 19 de dezembro de 1962, que fixa os parâmetros mínimos de conteúdo e duração do curso de Geografia.

O Conselho Federal de Educação, usando das atribuições que lhe confere a Lei de Diretrizes e Bases pelos arts. 9º. (letra “e”) e 70, e tendo em vista o Parecer nº 412/62, RESOLVE:

**Art. 1º** – O currículo mínimo do curso de Geografia ficará assim constituído:

**I** - Geografia Física

Geografia Biológica ou Biogeografia

Geografia Humana

Geografia Regional

Geografia do Brasil

Cartografia.

**II** – Duas matérias escolhidas dentre as seguintes:

Antropologia Cultural

Sociologia

História Econômica Geral e do Brasil

Etnologia e Etnografia do Brasil  
Fundamentos de Petrografia, Geologia e Pedologia  
Mineralogia  
Botânica.

A atual regulamentação para a atividade dos profissionais em Geografia está pautada na legislação estruturada em dois ditames, a saber:

- da formação docente (Lei nº. 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Profissional (LDB));

Art. 62º. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

- sobre a disciplina a profissão de Geógrafo (Lei nº. 6.664/1979).

**Art. 2º.** O exercício da profissão de Geógrafo somente será permitido:

I - aos Geógrafos e aos bacharéis em Geografia e em Geografia e História, formados pelas faculdades de Filosofia; Filosofia, Ciências e Letras e pelos Institutos de Geociências das Universidades oficiais ou oficialmente reconhecidas;

II - (vetado);

III - aos portadores de diploma de Geógrafo, expedido por estabelecimentos estrangeiros similares de ensino superior, após revalidação no Brasil.

Além destes, fazem-se importantes instrumentos legais as resoluções e os pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) e do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (CONFEA), aos quais a profissão encontra-se vinculada.

No que diz respeito ao CNE, faz-se importante conhecer as proposições em tramitação, pois podem ser indicadores de cenários futuros, uma vez que já estiveram em debate nas respectivas Câmaras técnicas e no Conselho Pleno, entre os quais se enquadra o parecer CNE/CES nº. 492/2001 – com destaque para a questão da formação docente.

Todo esse arcabouço normativo legal, em síntese, deve ser articulado no período de formação profissional no âmbito do ensino superior, o qual está articulado por três pilares que dão embasamento ao processo de formação acadêmica, o ensino, a pesquisa e a extensão. Estes eixos que norteiam (ou deveriam) a trajetória formativa em nível de graduação deveriam estar articulados. É notório o desequilíbrio entre estes eixos e via de regra a extensão em sua ampla maioria de casos é menosprezada.

Dentro das universidades, as EJs se encaixam no setor da extensão, uma das unidades do tripé universitário, composto também pelo ensino e pesquisa. Fazendo parte de uma unidade essencial para a formação dos alunos, tem assim um papel muito especial na vivência

universitária, proporcionando espaço e palco para que os alunos possam compartilhar com a sociedade através da realização de projetos. Estes são em sua maioria em forma de consultoria e serviços, parte da grandeza do conhecimento que é recebido na universidade, e ainda por um preço abaixo do mercado.

Segundo Aguiar *et al* (2021):

[...] A universidade é um espaço de transformação pessoal e profissional dos estudantes, onde seus potenciais e suas capacidades são moldados e exercitados por meio da prática da cultura profissional ou da reflexão advinda do contato com o saber científico da academia e o saber empírico da sociedade. O ensino, a pesquisa e a extensão, pilares de sustentação das universidades, são mecanismos de fomento, que promovem a formação profissional e cultural de estudantes.

Tendo então as EJs de geografia como laboratório dos alunos para criarem as próprias experiências e incentivar a autonomia, elas são ambientes propícios para desenvolvimento de diversas habilidades e competências que serão de grande valia durante o período da graduação e para a vida. Estão entre essas qualidades o desenvolvimento da iniciativa, proatividade, aprofundamento dos conhecimentos geográficos a ponto dos alunos vendê-los e executá-los autonomamente.

Segundo Eliane Campos, em 2015, em sua tese sobre as competências empreendedoras desenvolvidas pelas empresas juniores, foram encontrados em seus resultados um gama de competências, entre elas as do negócio, organizacionais, de comprometimento e relacionais.

De acordo com Fernandes e Silva (2017), o mercado de trabalho busca atualmente por profissionais que demonstrem competências que extrapolam o âmbito dos conhecimentos técnicos, demonstrando autonomia, criatividade, trabalho em equipe, entre outras. Essas competências devem então, segundo os autores, serem postas em prática durante a graduação para que os profissionais já saiam do ensino superior capacitados de maneira integral.

### **Empresas juniores de geografia no Brasil**

Segundo o Ranking Universitário Folha (2019), existem 165 cursos de graduação em geografia no Brasil, entre instituições de ensino superior públicas e privadas. Foi parte dos objetivos específicos desta pesquisa investigar quantas empresas juniores de geografia estão em pleno funcionamento de suas atividades atualmente, e através de pesquisa pela internet, contato com a federação de empresas juniores de cada estado brasileiro, e posterior

contato com cada uma das EJs chegou-se à contabilização de 18 empresas, listadas na tabela a seguir.

Tabela 1: Tabela das Empresas Juniores brasileiras de geografia e suas localizações.

<b>Empresa</b>	<b>Município</b>	<b>Unidade da Federação</b>	<b>Universidade</b>
Escala Assessoria	Rio Grande	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Petra Jr.	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
ConGeo	Maringá	Paraná	Universidade Federal de Maringá (UFM)
Orbis	Juiz de Fora	Minas Gerais	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
ProGeo	São João del Rei	Minas Gerais	Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)
Sistêmica	Belo Horizonte	Minas Gerais	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
EGEO	Belo Horizonte	Minas Gerais	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
GeoAtiva	Alfenas	Minas Gerais	Universidade Federal de Alfenas (UniFAL)

GeoPlan	Rio Claro	São Paulo	Universidade Estadual Paulista (Unesp – Rio Claro)
EmpGeo	Ourinhos	São Paulo	Universidade Estadual Paulista (Unesp – Ourinhos)
GeoAmbiental	Presidente Prudente	São Paulo	Universidades Estadual Paulista (Unesp – Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) de Presidente Prudente)
Xisto Jr.	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Gaia	Goiânia	Goiás	Universidade Federal de Goiás (UFG)
Astrodatum	Brasília	Distrito Federal	Universidade de Brasília (UnB)
GeoMaps	Fortaleza	Ceará	Universidade Federal do Ceará (UFCE)
GeoAnálises	Feira de Santana	Bahia	Universidade Estadual de Feira de Santana
MapGeo	Recife	Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

GeoTec	São Luís	Maranhão	Universidade Federal do Maranhão
--------	----------	----------	----------------------------------

*Fonte: elaborada pelos autores.*

Pelos dados demonstrados na tabela, pode-se notar que existem EJs de geografia em quatro das cinco regiões brasileiras (sul, sudeste, centro-oeste, nordeste), não tendo presença na região norte. Nota-se também que de todas as empresas listadas, apenas uma delas, a Sistêmica da PUC Minas, é uma IES privada, sendo o restante universidades públicas federais e estaduais.

É possível inferir a partir disso que os alunos de instituições de ensino superior públicas tenham buscado alternativas de enfrentar os cortes de recursos na educação pelo governo. A partir da fundação das EJs é possível que eles gerem o seu próprio laboratório de experiências práticas dos conhecimentos recebidos pela universidade, experimentando diversos projetos, errando, acertando e ajustando a rota de seus conhecimentos e contribuindo para o sucesso de suas empresas.

Um outro excelente lado dessas práticas é que, ao passo que os membros exercitam habilidades e competências na realização de seus projetos, ganham também uma remuneração que vai para o caixa da empresa. Por serem associações civis sem fins lucrativos, essa remuneração vai para pagamento de contas básicas da empresa (contador, taxas bancárias, pagamento de semestralidade da federação a que são associadas), mas também pode ir para investimento no espaço físico da empresa e na capacitação de seus membros.

Sobre a localização das EJs investigadas, elas se situam em onze estados brasileiros, que cobrem quase toda a faixa litorânea, percorrendo do sul ao nordeste. Nota-se um vazio quanto a presença na região norte e boa parte da região centro-oeste, sendo mais presente no sudeste, especialmente em Minas Gerais, que conta com quatro empresas juniores de geografia.

## Mapa de localização de Empresas Juniores de Geografia (municípios)

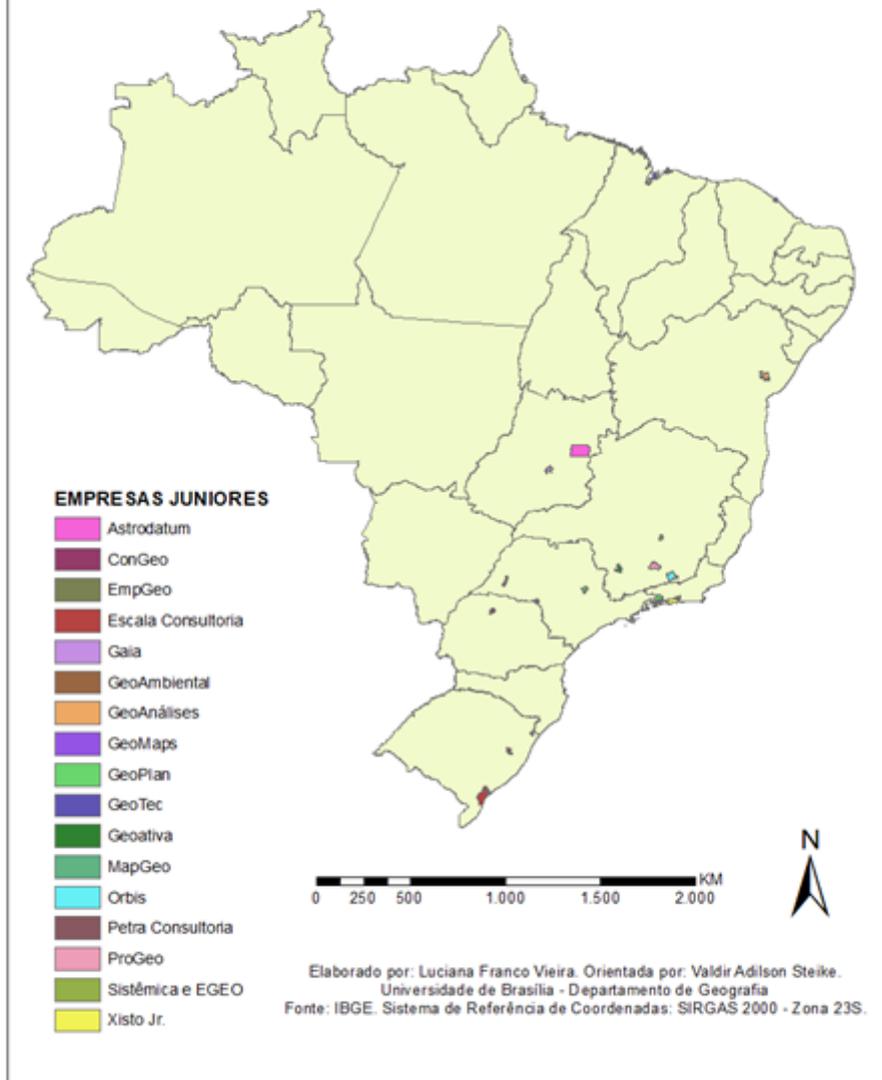
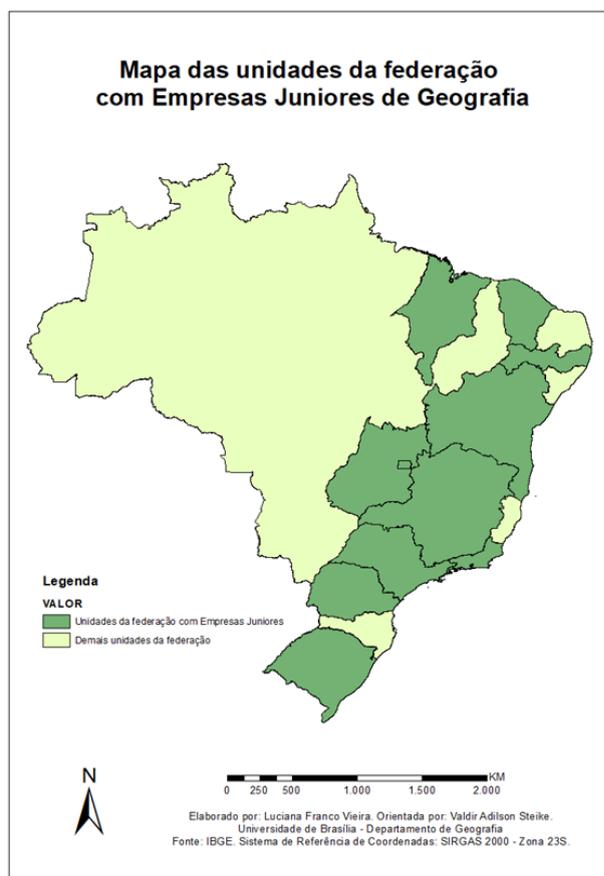


Figura 2. Localização das EJs pesquisadas.



*Figura 3. Mapa das unidades da federação com EJs de geografia.*

### **Perfil dos empresários juniores e principais impactos das experiências de empresa júnior na etapa da graduação**

Para um maior conhecimento da sobre os empresários juniores e os impactos que a experiência de pertencimento a uma EJ de geografia tem na graduação de cada indivíduo, objetivos deste estudo, foi preciso ouvir as suas perspectivas para compreender seus perfis e trajetórias dentro das EJs. Essa compreensão foi buscada através da aplicação de 60 questionários, os quais, a partir de agora, serão utilizados para analisar as informações coletadas.

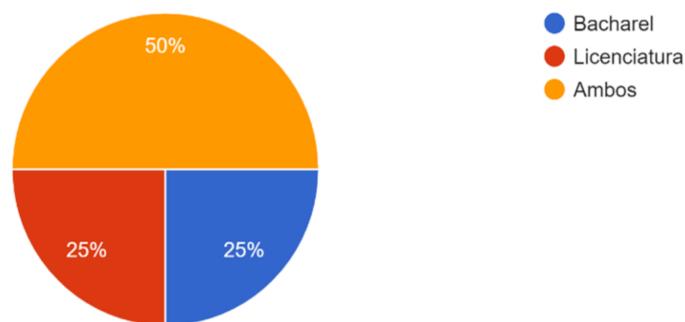
Uma das indagações ao realizar essa pesquisa era se as experiências obtidas nas empresas, seja através de prática do conhecimento ao realizar projetos, ou de ganho de competências interpessoais ao conviver no ambiente da empresa, de fato teriam impactos positivos nos indivíduos.

Os questionários foram enviados por e-mail às empresas da Tabela 1, após contato prévio com um diretor ou presidente de cada empresa, no qual foi explicado o propósito e a

importância dessa pesquisa. Foi recomendado que o questionário fosse repassado a todos os membros integrantes e para outras que já haviam pertencido oficialmente da EJs, a ser chamado de pós-júnior, e assim foi constituída uma rede de pesquisa. Recebeu-se questionários de várias regiões brasileiras. A estratégia de coleta dos dados foi priorizar como veículo de aplicação dos questionários a internet, pois assim tem-se melhores condições de ampliar o alcance espacial da pesquisa, já que esta foi realizada a nível nacional.

Desse modo, acredita-se ter ouvido perfis bastante diversificados. As nove questões fechadas inseridas no questionário tinham como objetivos essenciais conhecer o perfil dos entrevistados, seu tempo de graduação, tempo de pertencimento à EJ, entre outros. Na segunda parte, com duas questões abertas, buscou-se com que os entrevistados pudessem discorrer um pouco mais sobre suas experiências nas EJs.

No tocante ao perfil dos sessenta empresários juniores de geografia ouvidos, 25% diz cursar, ou ter cursado, a graduação na categoria de bacharel, 25% a categoria de licenciatura, e 50% ao nível de dupla diplomação.



Fonte: VIEIRA, Luciana. (pesquisa direta)

*Figura 4. Categoria da graduação em geografia.*

A distribuição dos semestres pertencentes aos entrevistados é bem diversificada. Tivemos questionários respondidos por estudantes de praticamente todos os semestres do curso, mas nenhum do primeiro semestre. Um dado que teve maior expressividade foi o dos alunos já formados, com 25% dos inquiridos.

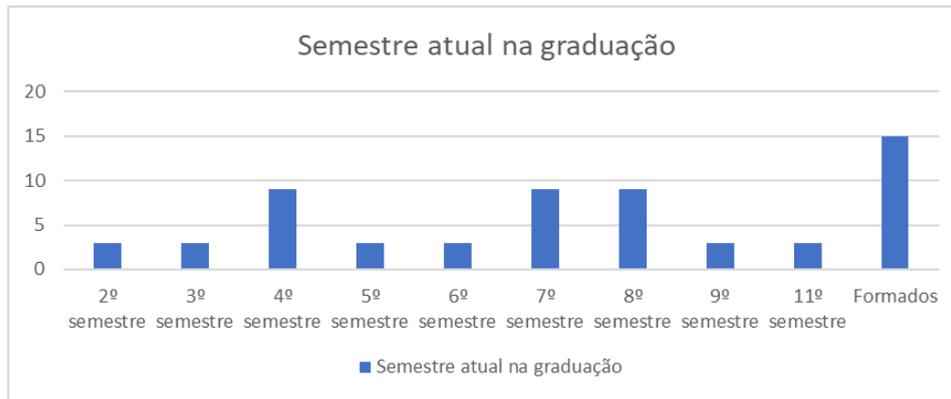
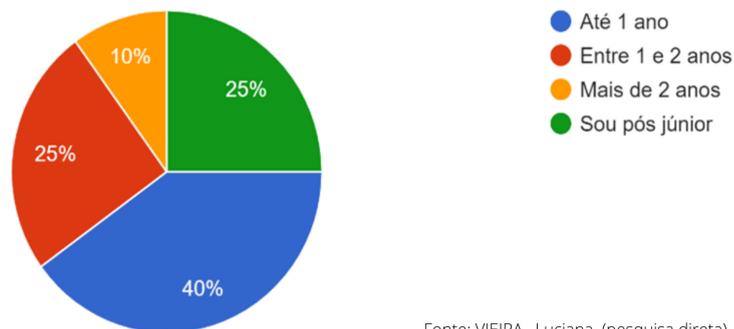


Figura 5. Semestre atual cursado na graduação. Fonte: VIEIRA, Luciana. (Pesquisa direta).

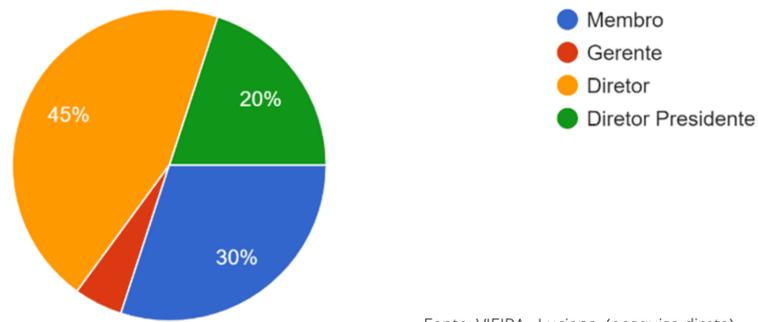
A Figura 5 demonstra o tempo de pertencimento à empresa dos entrevistados, apontando para uma diversificação de participação, pessoas de até um ano de pertencimento formaram 40%, entre 1 e 2 anos formaram 25%, com o mesmo percentual constituem também a parcela dos pós juniores, e por último, 10% estão a mais de 2 anos na EJ.



Fonte: VIEIRA, Luciana. (pesquisa direta)

Figura 6. Tempo de pertencimento à empresa júnior.

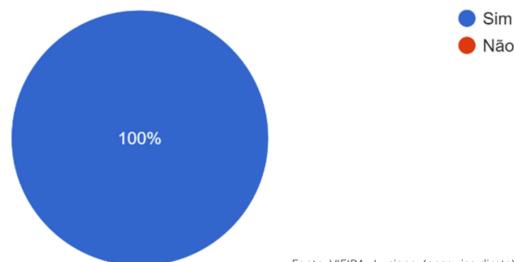
Quanto ao último cargo ocupado dentro da empresa, exercido atualmente ou antes do desligamento do vínculo, tem-se 20% dos entrevistados com cargo de diretor presidente (hierarquia administrativa mais alta), 45% formados por diretores de diversas áreas, 10% dos inquiridos foram gerentes, e 30% são membros.



Fonte: VIEIRA, Luciana. (pesquisa direta)

Figura 7. Último cargo ocupado dentro da empresa júnior.

Quando perguntados se as experiências obtidas através das vivências dentro das empresas juniores e da participação nos projetos, desde elaboração, venda, e entrega ao cliente, a resposta foi unânime, tendo 100% dos entrevistados respondido sim. Assim como aconteceu quando foi perguntado se o impacto havia sido positivo, negativo ou irrelevante, 100% descreveu como impactos positivos para a graduação.



Fonte: VIEIRA, Luciana. (pesquisa direta)

Figura 8. Quanto ao questionamento sobre as experiências terem impactado a graduação.



Fonte: VIEIRA, Luciana. (pesquisa direta)

Figura 9. Quanto à característica do impacto.

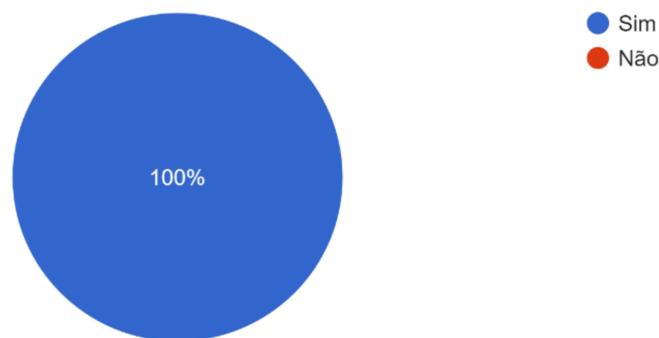
De forma bastante expressiva, quando questionados sobre qual era a categoria dos projetos executados pelos membros das EJs, apesar de 25% dos entrevistados estarem se graduando na categoria da licenciatura, 100% dos que responderam classificaram seus projetos como sendo voltados para a área do bacharel.



Fonte: VIEIRA, Luciana. (pesquisa direta)

*Figura 10: quanto à categoria relacionada aos projetos executados.*

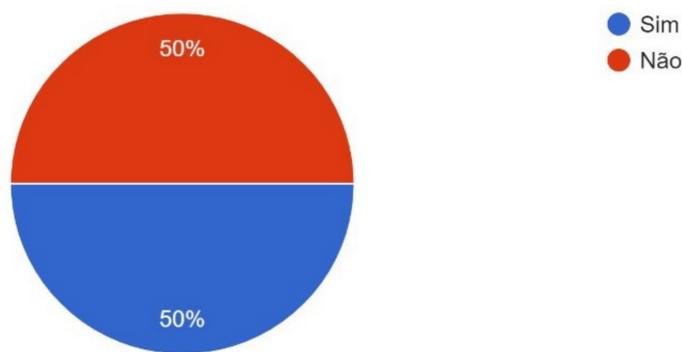
Da percepção dos entrevistados, quando inquiridos se sentiam-se mais preparados para exercer a função profissional de geógrafos após terem passado por experiências proporcionadas pelas empresas juniores, novamente foram unânimes em responder que sim



Fonte: VIEIRA, Luciana. (pesquisa direta)

*Figura 11. Quanto a estarem preparados para exercer a profissão geógrafo após experiências de EJ.*

As respostas ficaram divididas em 50% para cada alternativa quando questionados sobre se tiveram algum tipo de oportunidade de aprimoramento profissional ou acadêmico que surgiu em decorrência da sua experiência em EJ de geografia, quer fosse propostas de estágio, projetos de iniciação científica, entre outros.



Fonte: VIEIRA, Luciana. (pesquisa direta)

Figura 12. Quanto ao recebimento de propostas de aprimoramento profissional decorrente da experiência em EJ.

Quanto às perguntas abertas do questionário aplicado, para melhor compreensão das respostas foram criadas nuvens de palavras através do site Word Clouds, para que reflitam os termos mais mencionados nas respostas. A primeira pergunta aberta pedia que aqueles que responderam sim à pergunta sobre propostas de aprimoramento profissional pudessem mencionar quais tipos foram, como vemos na figura 12.

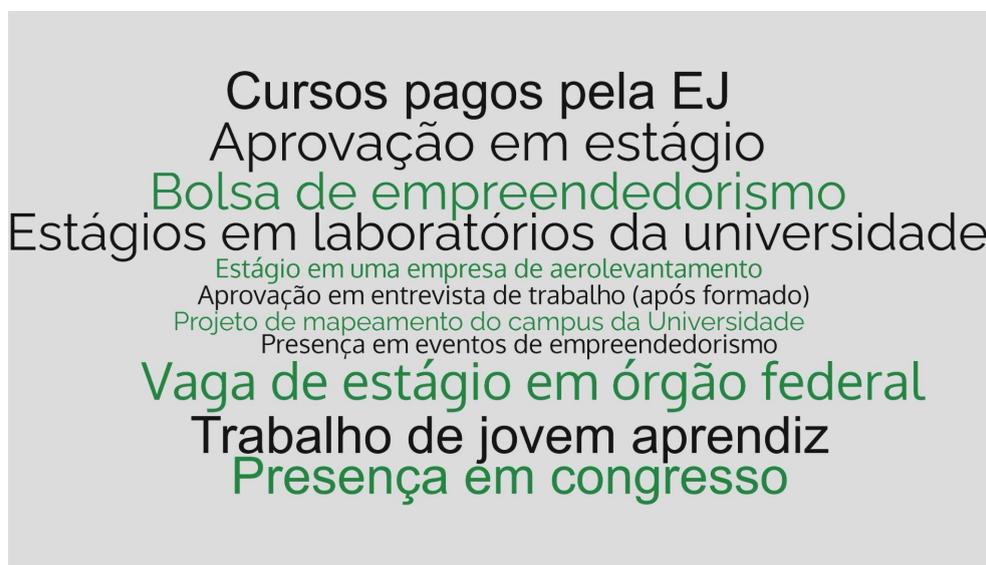


Figura 13. Oportunidades de aperfeiçoamento profissional. Fonte: A autora.

A segunda pergunta aberta requeria que os inquiridos descrevessem os impactos obtidos pelas suas experiências nas empresas juniores e que refletem na sua graduação e formação como profissional (Figura 13).

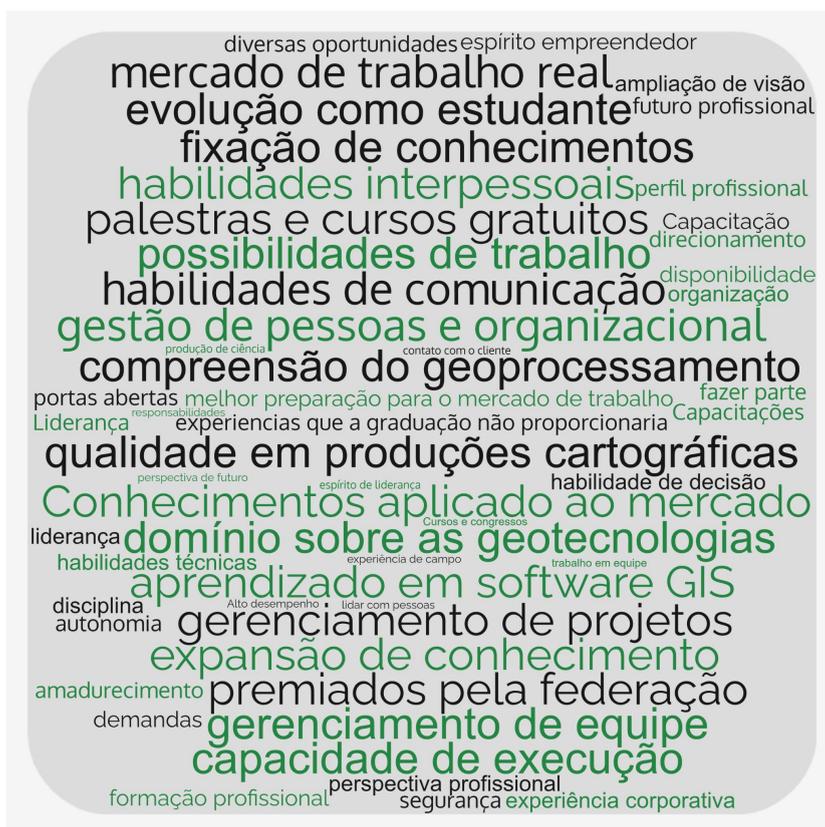


Figura 14. Impactos de experiência em EJ de geografia.

Pode-se ver que são diversos os impactos percebidos pelos empresários juniores. Dos impactos descritos muitos deles se relacionam com os aprendizados obtidos nas EJs, como habilidades técnicas, de software, com habilidades individuais como disciplina, autonomia, liderança, mas todas elas têm como palco para seus desenvolvimentos as empresas juniores. Por ser lugar de tantas transformações para o indivíduo e para a equipe que ele trabalha, considera-se a EJ como um laboratório muito importante para o desenvolvimento e amadurecimento do graduando.

Desta maneira, pelas respostas de percepções dos empresários juniores, podemos inferir que de fato a empresa júnior dentro do ensino superior tem cumprido seu propósito de laboratório autônomo de experiências dos graduandos, especialmente ao vermos unanimidade quanto às questões de que há impacto positivo na graduação e de que todos os entrevistados se sentem mais preparados para entrarem no mercado de trabalho como geógrafos.

As experiências de colocar seus conhecimentos em prática, desafiar-se a trabalhar em equipe em um ambiente de empresa, colocar seus conhecimentos em prática, faz com que os graduandos desenvolvam melhor as qualidades e competências necessárias para trabalharem após formados. E ademais, por conta da dos projetos realizados serem da área relacionada ao

bacharel na grande maioria das vezes realizando saídas a campo se faz essencial e os capacita melhor, pois assim como pensa Compiani e Carneiro (1993, p.11), o trabalho de campo é “cenário de geração, problematização e crítica do conhecimento, onde o conflito entre o real e as ideias ocorre com toda a intensidade”.

### **Considerações finais**

Conforme apresentado ao longo do trabalho, é possível reforçar a importância da existência de empresas juniores nos cursos de graduação em geografia, visto que o mesmo pode impactar fortemente na preparação do aluno para o mercado de trabalho, pois as EJs funcionam como laboratório para que os graduandos consigam colocar seus conhecimentos teórico em experiências práticas já durante o curso.

Como principais resultados desta pesquisa, é possível elencar que ao mapear as empresas juniores foi uma surpresa ao entrar em contato com as federações estaduais, não haver nenhuma empresa júnior de geografia na região norte do país, e tendo em mente que experiências de EJ contribuem de forma positiva para a formação na graduação, os geógrafos formados na região norte tem uma certa desvantagem quanto a esse quesito.

Com relação ao resultado dos questionários, foi notável pela unanimidade das respostas dos inquiridos que, de fato, as experiências dentro das EJs trazem impactos positivos às suas formações, seja para quem forma na categoria de licenciado, como de bacharel, até mesmo pelo fato de que metade dos entrevistados demonstrou ter tido mais oportunidades de aperfeiçoamento profissional pelo fato de fazerem parte de uma empresa júnior.

As informações e dados apresentados neste trabalho contribuem de forma interessante e indagadora, pois auxiliam na ampliação de conhecimentos sobre como as empresas juniores podem auxiliar os alunos na sua caminhada de formação profissional.

## Referências bibliográficas

AGUIAR, Bárbara Guedes; TEIXEIRA, Flaviana Tavares Vieira; SANT'ANNA, Antônio Genilton. Extensão universitária em empresas juniores: Desenvolvendo competências em complemento à formação superior. **Revista Conexão UEPG**, v. 17, n. 1, p. 1-18, 2021.

BATISTA, Mariana Klein et al. Empresa Júnior: onde a moeda de troca é o conhecimento. **XXXIV ENCONTRO DA ANPAD**, 2010.

BRAGA, Simone Bitencourt; DOS SANTOS, Terezinha Fatima Andrade Monteiro. A permanência dos estudantes no ensino superior em tempos de pandemia: uma análise a partir das ações de assistência estudantil da Universidade Federal do Pará. **REPOD - Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 10, n. 3, p. 1090-1106, set./dez. 2021.

BRASIL JÚNIOR. **Conceito de Empresa Júnior**. Disponível em: <https://uploads.brasiljunior.org.br/uploads/cms/institucional/file/file/5/CNEJ.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2020.

CAMPOS, Eliane B. D. **Competências Empreendedoras: uma Avaliação no Contexto de Empresas Juniores**. 2015. 160f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso de estudantes universitários**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COMPIANI M., Carneiro C.D.R. 1993. **Os papéis didáticos das excursões geológicas**. Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra. 1(2):90-98. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/ECT/article/view/88098/140821>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas e critérios para a organização da estrutura curricular no ensino da geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, 17(1): 1-20, 1997.

FERNANDES, Nicoline P.; SILVA, Franciele M. da. O papel da empresa júnior no desenvolvimento de competências de seus integrantes: um estudo com ex-membros da EMAD JR. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 48-69, mar. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como classificar as pesquisas? Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-57.

MORAES, Roselaine Monteiro. **Educação empreendedora no ensino fundamental: uma investigação sobre o Programa de Educação Empreendedora Sebrae–Jovens Empreendedores Primeiros Passos–JEPP em Pejuçara, RS**. 2019. 160f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre - RS.

OLIVEIRA, E. M. Responsabilidade social empresarial, empreendedorismo social e economia solidária: similitudes, ambivalências e possíveis conexões. **Revista Observatório**, v. 5, n. 5, p. 697-750, 1 ago. 2019.

PALASSI, Marcia Prezotti; MARTINELLI, RAIANE GONÇALVES DE OLIVEIRA; PAULA, ANA PAULA PAES DE. Entre o discurso empreendedor e a consciência política: estudo exploratório do Movimento Empresa Júnior em uma universidade pública no sudeste do Brasil. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 3-12, 2020

STEINKE, V. A.; CARVALHO, A. C. A. . As dimensões da formação de profissionais em Geografia no Brasil: reflexões introdutórias. In: SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.). **Desafios da didática de Geografia**. 1 ed. Goiânia: PUC, 2013, v. , p. 69-85.

STEINKE, V. A. Desafios e potencialidades de formação e pesquisa em Geografia a partir da Política Nacional de Proteção e Defesa Civil. In: Eliseu Savério Sposito; Charlei Aparecido da Silva; João Lima Sant'Anna Neto; Everaldo Santos Mellazzo. (Org.). **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016, v. 1, p. 403-422.